



PRÁTICAS EDUCATIVAS, BILINGUISMO E DIGLOSSIA: UM NEXO DE POSSIBILIDADES

Adriana Aparecida das Neves de Queiroz¹

RESUMO

As práticas educativas contemporâneas estão cada vez mais reconhecendo a importância do bilinguismo como uma ferramenta enriquecedora para o desenvolvimento cognitivo e cultural dos alunos. A integração de línguas diferentes no ambiente educacional visa não apenas o domínio linguístico, mas também a promoção da compreensão intercultural. No entanto, ao implementar práticas bilíngues, é crucial considerar o fenômeno da diglossia, que se refere à coexistência de duas variedades linguísticas em uma comunidade, uma sendo mais prestigiada que a outra. Logo, o objetivo deste artigo consiste em expor os problemas atuais, principalmente de ordem educacional, no que diz respeito ao contato linguístico. A língua portuguesa não é falada como língua nativa por uma grande maioria de estudantes que, como consequência, carecem de boas competências linguísticas. É esta a principal razão pela qual descrevemos a peculiar situação sociolinguística e observamos alguns dos fenômenos derivados do contacto dentro dos sistemas. A sociolinguística será o referencial teórico deste artigo dada a importância que atribuí a tudo o que se relaciona com a linguagem em contacto. Dessa forma, entendeu-se que compreender e abordar a diglossia é essencial para garantir uma abordagem justa e inclusiva no contexto educacional, promovendo o respeito pelas diferentes formas de expressão linguística.

Palavras-chave: Bilinguismo; Diglossia; Educação.

ABSTRACT

¹ Professora concursada da Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Doutoranda em lexicologia pela Universidade Interamericana. Mestre em língua, linguagem e literatura pela Universidade do Estado do Mato Grosso do Sul. Especialista em Educação Inclusiva e Língua Portuguesa, membro do grupo de estudos NUPESDD - Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos, do(a) Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Coordenadora de projetos semestrais desenvolvidos nas escolas do município. Graduada em letras pela Universidade do Estado do Amazonas (2006). Atual coordenadora de área do Programa de Residência Pedagógica do Curso de Letras em Tabatinga-AM. Coordenadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do Curso de Letras no período de 2013 a 2016, Coordenadora do Curso de Letras no centro de Tabatinga de 2013 a 2015. Professora VOLUNTÁRIA do PARFOR. Tem experiência na área de Letras, orientação e estágio supervisionado, língua, linguagens e educação com ênfase em sociolinguística, atuando principalmente nos seguintes temas: Sociolinguística, Leitura e Produção Textual, Redação e Expressão Oral, Textos descritivos dissertativos, e narrativos, Fonética e Fonologia, Morfologia, Língua Portuguesa na Educação Infantil e anos do Ensino fundamental, Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, Metodologia do Trabalho Científico, Linguística, Linguística Aplicada a educação, Didática Geral, Metodologia do Trabalho Científico, Metodologia dos Estudos científicos. Membro da comissão local de extensão, membro do comitê local de iniciação científica, membro do NDE. Professora dos cursos de Secretariado, Português Instrumental e Espanhol Básico no Centro de Treinamento Educacional (CETAM). Membro do Grupo de Pesquisa ESTUDOS GEOGRÁFICOS, certificado pela instituição. Nosso GP atua dentro de diferentes Linhas, tais como: (Colocar as linhas). No último ano tivemos um artigo publicado na Revista RA'E? GA (QUALIS B2). Dois trabalhos apresentados no Colóquio Internacional de Geocrítica realizado na cidade de Bogotá/Colômbia, dois trabalhos aprovados para apresentação oral na International Conference Paulo Freire: The Global Legacy a se realizar em novembro de 2012, 06 trabalhos aprovados na 64ª. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência 2012 e um artigo publicado na Revista MUTAÇÕES da UFAM. <https://orcid.org/0000-0002-2963-8484>. Orientadora do Programa Residência Pedagógica editais 2020 e 2022.



Contemporary educational practices are increasingly recognizing the importance of bilingualism as an enriching tool for students' cognitive and cultural development. The integration of different languages in the educational environment aims not only at linguistic mastery, but also at promoting intercultural understanding. However, when implementing bilingual practices, it is crucial to consider the phenomenon of diglossia, which refers to the coexistence of two linguistic varieties in a community, one being more prestigious than the other. Therefore, the objective of this article is to expose the current problems, mainly of an educational nature, with regard to linguistic contact. The Portuguese language is not spoken as a native language by a large majority of students who, as a consequence, lack good language skills. This is the main reason why we describe the peculiar sociolinguistic situation and observe some of the phenomena derived from contact within systems. Sociolinguistics will be the theoretical framework of this article, given the importance it attaches to everything related to language in contact. In this way, it was understood that understanding and addressing diglossia is essential to ensure a fair and inclusive approach in the educational context, promoting respect for different forms of linguistic expression.

Keywords: Bilingualism; Diglossia; Education.

INTRODUÇÃO

As práticas educativas contemporâneas estão passando por uma transformação significativa, reconhecendo cada vez mais a importância do bilinguismo como uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento integral dos alunos. O bilinguismo vai além do simples aprendizado de uma segunda língua; trata-se de uma abordagem que promove o pensamento crítico, a flexibilidade cognitiva e a compreensão intercultural. Ao integrar línguas diferentes no ambiente educacional, proporcionamos aos alunos a oportunidade não apenas de adquirir habilidades linguísticas, mas também de explorar perspectivas culturais diversas, enriquecendo assim sua bagagem cognitiva.

Contudo, ao implementar práticas bilíngues, é imperativo considerar o fenômeno complexo da diglossia. A diglossia refere-se à coexistência de duas variedades linguísticas em uma comunidade, sendo uma considerada mais prestigiada do que a outra. Esse desequilíbrio linguístico pode criar dinâmicas sociais complexas, afetando não apenas a comunicação, mas também a percepção de status e identidade. Portanto, compreender a diglossia é crucial para desenvolver estratégias educativas que não apenas promovam a fluência linguística, mas também abordem as disparidades sociais associadas a diferentes formas de expressão linguística.



Diante desse contexto, os educadores desempenham um papel fundamental na criação de ambientes inclusivos e equitativos. Ao reconhecer e valorizar as diversas línguas presentes na comunidade educacional, é possível construir pontes que promovam a coexistência harmoniosa das línguas, respeitando a diglossia, ao mesmo tempo em que se busca reduzir as disparidades linguísticas e sociais. O compromisso com práticas educativas sensíveis ao bilinguismo e à diglossia fortalece a educação linguística. Portanto, este estudo objetiva principalmente, expor os problemas atuais, principalmente de ordem educacional, no que diz respeito ao contato linguístico. Para isso, trabalha seções como *Um Começo De Conversa; A Diglossia; Mistura De Código Como Resultado Do Contato Linguístico e Considerações Finais*.

UM COMEÇO DE CONVERSA

A coexistência de línguas é um fato cotidiano e universal que existe desde a antiguidade, desempenhando um papel importante na evolução linguística. Nos últimos tempos, têm surgido mais estudos dedicados ao contacto linguístico, em parte devido ao aumento das comunicações, que facilita a coexistência de culturas, raças e línguas de diferentes origens.

Este fato oferece situações complexas e diversas de uso de uma, duas ou mais línguas dentro de uma sociedade, o que acarreta alguns problemas derivados desse contacto. Por um lado, constatamos a existência de diversas variedades derivadas deste contacto linguístico - variedades pidgin, crioulo e fronteiroço - e, por outro, fenômenos como interferência, convergência, empréstimo, calque, alternância e mistura de línguas, que afetam em todos os níveis da língua e aos quais a sociolinguística tem dedicado especial atenção.

Mas é atualmente que aumenta o interesse pelos efeitos que produz e que têm sido explicados preferencialmente através de referências ao ambiente sociocultural em que se desenvolve. Porém, como já foi demonstrado em diversas ocasiões, o processo de aquisição da linguagem é muitas vezes apresentado a partir de um ponto de vista monolíngue, teoria linguística que costuma prevalecer no mundo, ignorando o fato de que grande parte da população se encontra em situação do multilinguismo.



Weinreich (1968) já salientava que considerar o unilinguismo como regra e o bilinguismo ou multilinguismo como um fenômeno excepcional é uma visão equivocada dos linguistas, uma vez que não concorda com a realidade. Prova disso é a situação da nossa cidade, onde o contato entre línguas é constante desde o início da escolaridade, o que atinge a população desde cedo.

Falar de línguas em contato hoje significa entrar em um terreno complexo, cheio de nuances e perspectivas, extenso em uma terminologia que às vezes não é totalmente clara e que também causa conflitos e tensões políticas e ideológicas em muitos lugares.

O contato entre línguas não é um fenômeno individual, mas sim social, pelo que é sem dúvida um local favorável para observar boa parte das inter-relações língua/sociedade, especialmente aquelas que se referem às de grupos étnicos ou sociais que partilham o mesmo contexto sociopolítico. espaço e que têm uma de suas marcas na linguagem.

Esta coexistência de sociedades e línguas dá origem a fenômenos que afetam todos os níveis linguísticos, desde o mais superficial ao mais profundo. Isto torna-se, portanto, uma fonte de variação e mudança, juntamente com fatores linguísticos internos (a dinâmica da própria língua) e fatores extralinguísticos (sociedade, contexto).

Trataremos, em primeiro lugar, dos conceitos relacionados, mas diferentes de bilinguismo e diglossia, por considerarmos essencial estabelecer um quadro conceptual mínimo.

O BILINGUISMO

Hoje são inúmeros os casos em que diferentes línguas coexistem em áreas geográficas de extensão muito limitada. É claro que as comunidades multilíngues são majoritárias, mas, precisamente nas comunidades plurilíngues, nem todas as línguas são valorizadas da mesma forma, nem nas comunidades monolíngues todos os dialetos ou modalidades linguísticas gozam do mesmo prestígio. Mais prestígio e reconhecimento são concedidos dependendo do poder dos grupos sociais e, além disso, os interesses políticos e econômicos determinam os usos linguísticos e o modelo linguístico de uma comunidade. Estas



situações de prestígio ou domínio entre línguas dão origem ao bilinguismo e à diglossia.

O fenômeno do bilinguismo é extremamente complexo, controverso por excelência e ocorre em comunidades onde coexistem várias línguas. O bilinguismo, mais do que algo excepcional, constitui um problema que afeta muitas sociedades.

Os problemas ao estudar o bilinguismo começam com a definição do conceito. Existem inúmeras definições de bilinguismo. Entre os mais conhecidos, seguindo Moreno (1998), estão os de Bloomfield (1933, p. 56), para quem o bilinguismo é “[...] o domínio nativo de duas línguas”; a de Haugen (1953), que considera que falante bilíngue é aquele que usa expressões completas e significativas em outras línguas; e para Weinreich (1953) a prática de duas línguas usadas alternativamente. Mas a maioria dos especialistas, em vez de desenvolver uma definição de bilinguismo, prefere estabelecer uma tipologia de bilinguismo. Já o bilinguismo não é apenas um fenômeno de natureza individual. É também um fenômeno sociolinguístico e cultural que afeta muitas comunidades de fala.

Por sua vez, Moreno (1998), distingue entre bilinguismo individual e social. A primeira considera aquilo que afeta o indivíduo, ou seja, o falante que, além de sua primeira língua, possui competência comunicativa semelhante em outra língua. No estudo do bilinguismo surgem quatro questões fundamentais: i) *grau*: o nível de proficiência do bilíngue; ii) *função*: os usos que o bilíngue dá às línguas envolvidas; iii) *alternância*: até que ponto o bilíngue alterna entre idiomas; e iv) *interferência*: até que ponto o bilíngue consegue separar essas línguas.

Moreno (1998) aponta a dificuldade de estabelecer uma tipologia de bilinguismo, apontando a possibilidade de estabelecer tipos de bilinguismo muito específicos e caracterizados por fatores muito diversos. Assim, considera, por exemplo, o bilinguismo ativo ou o bilinguismo passivo, dependendo da capacidade do falante em utilizar ativamente as competências linguísticas em ambas as línguas (compreender, falar, ler, escrever), no primeiro caso, ou compreender uma das línguas (primeira habilidade), no caso do bilinguismo passivo. O bilinguismo no seu grau mais desenvolvido seria um bilinguismo equilibrado, embora seja muito difícil encontrar um caso real onde exista um equilíbrio perfeito.



No que diz respeito ao bilinguismo social, este mesmo autor define a comunidade bilíngue como “[...] aquela comunidade em que todos os seus componentes ou parte deles são bilíngues” (MORENO 1998, 215-216). Segundo Si- guán e Mackey (1986), os fatores históricos que costumam levar a uma situação de bilinguismo são os seguintes: (a) *expansão*: processos de expansão de alguns povos através de territórios onde se fala outra língua; (b) *unificação*: processos de unificação política para a criação de grandes Estados (estas unifica- ções são geralmente guiadas por um grupo de poder que tende a impor ou di- fundir os seus hábitos linguísticos); (c) *situações pós-coloniais*: países ou terri- tórios independentes com populações linguisticamente diversas; (d) *imigração*: países ou cidades que recebem grandes contingentes de imigrantes que falam uma língua diferente (várias situações ocorrem aqui, mas nos interessa aquela que ocorre aqui especificamente, que é quando eles não se integram social- mente e, portanto, sua língua e seu ensino de pais para filhos são mantidos, bem como o surgimento do bilinguismo para determinadas funções); (e) *cosmopoli- tismo*: locais de contatos internacionais, geralmente comerciais e econômicos.

Como se pode perceber, a questão do bilinguismo envolve uma complexa rede de aspectos que envolve posicionamentos políticos, entre outros, além de puramente linguísticos. Do ponto de vista da educação, o próprio Moreno (1998) destaca as vantagens sociais de conhecer mais de uma língua, mas também se refere à dificuldade de desenvolver uma verdadeira educação bilíngue, pois são muitos os fatores que entram em jogo.

Uma das dificuldades que o bilinguismo pode trazer é que por vezes a integração numa cultura, comunidade ou grupo social é dificultada ou atrasada, devido ao domínio de instrumentos linguísticos considerados estrangeiros. Em relação a isso, pode-se considerar bilinguismo aditivo quando se adquire uma segunda língua socialmente reconhecida ou prestigiada e que representa enri- quecimento pessoal. Pelo contrário, falamos de bilinguismo subtrativo quando a aquisição da segunda língua se deve a necessidades económicas e envolve o distanciamento da primeira língua e a sua substituição pela nova.

A DIGLOSSIA



Ao estudar a relação entre forma linguística e função social, foi descrito um fenômeno denominado diglossia. Bilinguismo e diglossia, embora do ponto de vista etimológico sejam palavras que têm o mesmo significado, (DUBOIS 1986, p. 197) passaram a polarizar duas situações pessoais diferentes dentro da sociolinguística.

Ferguson (1959, p. 336) foi o primeiro autor a descrever o fenômeno, uma vez que se debruçou sobre as comunidades linguísticas nas quais os falantes usam frequentemente uma variedade ou outra dependendo da situação em que se encontram. Ele também percebeu a existência de variedades linguísticas paralelas dentro da mesma comunidade linguística. Segundo este autor, a “[...] diglossia é uma situação linguística relativamente estável em que uma variedade altamente divergente, altamente codificada e muitas vezes gramaticalmente mais complexa é sobreposta ao dialeto primário de uma língua.”

A definição de diglossia de Ferguson (1959) não cobre situações em que línguas completamente diferentes são usadas na mesma comunidade linguística. Faz-se referência ao uso especializado de duas variedades da mesma língua, que têm um estatuto social diferente e que são utilizadas sistematicamente com uma determinada distribuição funcional. É uma definição funcional que introduz uma variante social.

Mas a partir de sua descrição do conceito surgiram várias interpretações que contribuíram para a expansão do conceito. Assim, Gumperz (1962) estende o conceito de diglossia ao domínio da diferenciação funcional entre uma variedade de prestígio e uma variedade popular, seja entre dialetos de uma mesma língua, registros ou qualquer tipo de variedade linguística. Fishman (1979), que o considerou um conceito operacional, contribuiu para ampliar esse conceito e o define como a distribuição de uma ou mais variedades linguísticas para cumprir diferentes funções comunicativas dentro de uma sociedade.

Por outras palavras, a utilização de uma variedade linguística elevada e prestigiada em domínios formais e institucionais, e de uma baixa variedade em domínios menos formais. Esta definição de Fishman (1979) é a mais ampla porque inclui na definição do termo não apenas sociedades multilíngues com duas ou mais línguas, mas também sociedades que usam uma língua vernácula e uma língua clássica, e, também, qualquer sociedade em que usam dialetos ou registros separados ou qualquer tipo de variedades funcionalmente diferentes.



Este modelo teórico parece mais amplo do que o proposto por Ferguson (1959), uma vez que não se limita a línguas geneticamente relacionadas e, também, pode incluir um número indeterminado de línguas, e não apenas duas variedades da mesma língua.

Para finalizar esta breve exposição dos conceitos de que tratamos, acrescentaremos o significado que estes termos são normalmente utilizados por quem se tratou da situação das línguas em contacto. Normalmente falamos em bilinguismo sempre que ocorre o uso de duas línguas, falando tanto em bilinguismo individual quanto social; e diglossia sempre que o uso de uma ou outra língua depender de circunstâncias estabelecidas pela sociedade e, também, de fatores culturais, econômicos, políticos ou religiosos.

Porém, devido à dificuldade que existe em delimitar claramente os conceitos de bilinguismo e diglossia, optamos por utilizar o termo línguas em contacto no seu valor neutro, aceitando o que foi dito por Morales (1993), que considera a gestão de diferentes línguas como objeto de análise das línguas em contato, inserida nos estudos do bilinguismo. Este autor acredita que o conceito de diglossia é banalizado. Da mesma forma, Moreno (1998) afirma que qualquer circunstância de ensino de segunda língua é, na realidade, uma situação de línguas em contato.

MISTURA DE CÓDIGO COMO RESULTADO DO CONTATO LINGUÍSTICO

Segundo Moreno (1998), os fenômenos linguísticos derivados do contato linguístico e que afetam todos os níveis da língua podem ser classificados em três grupos, o que não significa que estejamos diante de categorias exclusivas: (a) fenômenos derivados do contato de sistemas: interferência; convergência; empréstimo; e rastreamento; (b) Fenômenos derivados do uso de diversas linguagens: escolha do idioma; substituição de idioma; troca de código (troca de idioma); mistura de código (amálgama); (c) variedades derivadas do contato linguístico: línguas Pidgin ou know-how; línguas crioulas; e variedades fronteiriças ou de transição; os fenômenos linguísticos que nos interessarão principalmente são os dos grupos a e b porque contêm uma série de características como que são fenômenos que provocam alterações linguísticas, às vezes muito importantes; que não são fenômenos linguísticos de origem endógena, mas sim



exógenos, ou seja, não surgem de causas internas do sistema, mas do contato de alguns sistemas com outros e as consequências linguísticas do contacto podem ser observadas em todos os níveis linguísticos, incluindo os suprasentenciais (entonação, tom...).

Especificamente, na nossa área de estudo estaremos interessados principalmente na interferência, derivada do contato de sistemas, e da alternância de línguas ou troca de código, fenômeno muito difundido entre falantes e comunidades bilíngues, e que consiste na justaposição de frases ou fragmentos de frases de diferentes idiomas na fala de um mesmo falante. Ou mais especificamente, mistura de código, derivada do uso de diversas linguagens.

Apesar das semelhanças superficiais entre interferência e troca de código, em geral pode-se dizer que a interferência é condicionada por fatores linguísticos internos, enquanto a troca de código depende de fatores extralinguísticos. Sem parar de apresentar um estudo experimental sobre interferências, porque já foi realizado na sua época (AYORA, 1998), destacamos outro dos fenômenos citados, como a mistura de códigos, apesar de ser mais frequente e difundida entre os falantes bilíngues é a alternância de línguas ou troca de códigos, fruto das necessidades expressivas de falantes que não hesitam em recorrer em suas produções à combinação de todos os recursos linguísticos que as duas línguas possuem, como desde que a ordem dos elementos que precedem e seguem a mudança seja gramatical em ambas as línguas, e as unidades dependentes (morfemas dependentes) não sejam modificadas (MORENO, 1998, p. 268). Este autor alerta-nos que se estes requisitos não forem cumpridos, estaremos perante uma mistura de códigos:

Em primeiro lugar, devemos saber que a alternância ocorre, não em falantes ou grupos sociais que têm problemas de domínio de uma língua, mas muito pelo contrário, naqueles que adquiriram domínio suficiente de dois códigos, em bilíngues: no primeiro caso, é mais fácil ocorrer uma mistura de códigos do que uma alternância” (MORENO, 1998, p. 272-273).

Este critério nos fez pensar que no nosso campo de trabalho o que ocorre é a mistura de códigos. Assim, os falantes misturam e no mesmo discurso atuam as estruturas de diferentes línguas, como o caso do português e do espanhol, o que às vezes leva a não manter clara a organização geral da mensagem.



Partindo de uma realidade de bilinguismo, as causas da alternância estão relacionadas com as condições e circunstâncias particulares do bilingue: pode ocorrer para favorecer a função referencial (certos temas só são falados numa língua e não noutra; certos objetos são designados com palavras de uma língua e não de outra), para favorecer a função conativa, envolvendo mais diretamente o ouvinte; para favorecer a função expressiva (modo de expressão de um dado grupo social), a função fática (quando o turno muda, a língua muda), a função metalinguística (por exemplo, destacar as próprias habilidades linguísticas) ou mesmo a função poética (fazer jogos de palavras).

A mistura de códigos é muito comum quando falantes que se encontram entre duas línguas e culturas promovem uma nova cultura, e podemos dizer que é um fenômeno que transcende as fronteiras da linguística e se torna um fenômeno social e psicológico, uma vez que fazem de código misturando um sinal de identidade social.

Especificamente na nossa área, observamos que a mistura de códigos funciona como fator de coesão interna, e eles a utilizam para se afirmarem do ponto de vista pessoal e grupal. Dessa forma, nos primeiros anos de escolaridade utiliza-se a mistura de códigos por desconhecimento de alguma palavra da língua. À medida que envelhecem, estão conscientes de que se utilizarem a mistura de códigos, os seus interlocutores monolíngues não os compreenderão e, assim, criam uma identidade cultural. A desvantagem que isto acarreta é que os jovens têm cada vez menos competências em ambas as línguas.

O desequilíbrio linguístico que temos exposto ao longo deste trabalho reforça o sentimento de exclusão e segregação cultural e incentiva ainda mais a divisão social. As crenças, atitudes e motivações de uma comunidade influenciam seus membros na aquisição de um idioma.

Sabemos que a língua, em muitos casos, é usada para construir diferenças sociais entre grupos (CUMMINS, 2002) e é isso que estes falantes fazem em muitas ocasiões: usam a língua como proteção ou defesa. Precisamente por todas estas razões, consideramos que para compreender o desenvolvimento do fenômeno das línguas em contacto e as suas consequências linguísticas, estas devem ser estudadas num quadro cognitivo e sociocultural, uma vez que estes fatores condicionam os padrões de aquisição e uso de uma ou mais idiomas. (CORVALÁN, 2007).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, as práticas educativas que abraçam o bilinguismo e enfrentam conscientemente os desafios da diglossia não apenas oferecem oportunidades enriquecedoras para o desenvolvimento integral dos alunos, mas também estabelecem um nexo de possibilidades para um futuro mais inclusivo e globalizado. Ao reconhecer a importância de integrar diferentes línguas no ambiente educacional, estamos construindo pontes que promovem a compreensão intercultural e a diversidade linguística.

A abordagem sensível à diglossia é fundamental para superar desigualdades linguísticas, garantindo que todas as formas de expressão sejam valorizadas. Ao fazê-lo, estamos não apenas moldando aprendizes proficientes em várias línguas, mas também cultivando cidadãos capazes de contribuir ativamente para um mundo interconectado, onde a riqueza cultural e a pluralidade linguística são celebradas como elementos essenciais para o progresso humano. O nexo entre práticas educativas, bilinguismo e diglossia cria um caminho para a construção de sociedades mais justas, inclusivas e respeitosas com a diversidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYORA, M^a C. Algunas consideraciones sobre la enseñanza del español en una comunidad bilingüe: los escolares musulmanes de Ceuta. **Humanística**, 11. Jerez de la Frontera, 1999, pp. 109-117.

BLOOMFIELD, L. **Language**. Nueva York, H. Holt & Co., 1933. Trad. al español Lenguaje. Lima, Universidad Mayor de San Marcos, 1964.

CUMMINS, J. **Lenguaje, poder y pedagogía**. Madrid: Morata, 2002.

DUBOIS, J.: **Diccionario de Linguística**, Madrid: Alianza Editorial, 1986.

FERGUSON, C. A.: **Diglossia**. WORD, 15, Mitford, 1959, pp. 325-340.



FISHMAN, J. A. **Sociología del lenguaje**. Madrid: Cátedra, 1979.

GUMPERZ, J. J. Types of linguistics communities, **Anthropological Linguistics**, 4, 1, 1962, pp. 28-40.

MORALES, H. **Sociolingüística**. Madrid: Gredos, 1993, 2ª ed.

SIGUÁN, M.; MACKEY, W. F.: **Educación y bilingüismo**. Madrid: Santillana/UNESCO, 1986.

CORVALÁN, C. Contacto interlingüístico: perspectivas teóricas. MAIRAL USÓN, R. et alii (eds.), **Actas del XXIV Congreso Internacional de AESLA: Aprendizaje de lenguas, uso del lenguaje y modelación cognitiva: perspectivas aplicadas entre disciplinas**. Madrid, UNED, 2007, pp. 135-149.

WEINREICH, U.: **Languages in Contact**. Findings and Problems. The Hague, Mouton, 1953.

WEINREICH, U. **Unilinguisme el multilinguisme**. París, Gallimard, 1968, pp. 647-684.